Capítulo do livro: A Arte da Capoeira de Camille Adorno

Zumbi dos Palmares: o mestre da resistência

“Omodú olú ojú
Babá lorum ojú modê
irôn lo wô kurim modê
Babá bukun
lojô jú mó
olowô...”
‘A criança abriu os olhos para a terra
Pai do céu, olha para a criança
protege esse menino
Pai, abençoa ela
todos os dias...’

Nelson Nadotti e Carlos Diegues,

Quilombo

Zumbi: o mestre da resistência
“Zumbi, comandante-guerreiro
Ogum-iê, ferreiro mor, capitão
Da capitania da minha cabeça
Mandai alforria pro meu coração”

(Gilberto Gil/ Walid Salomão,
Zumbi, a felicidade guerreira)

Zumbi dos Palmares. Herói do povo negro. Herói do povo afro-brasileiro.

Nascido em Palmares, coube a Zumbi liderar a gente do quilombo num momento decisivo da luta contra os escravistas, empenhados em sufocar a semente da liberdade que teimava por crescer no solo brasileiro.

A história daquele que seria o Zumbi começa quando Brás da Rocha ataca Palmares, no ano de 1655, levando um recém-nascido, entre os adultos capturados. A criança foi entregue ao chefe da coluna atacante, que por sua vez resolveu fazer um presente ao padre Melo, cura de Porto Calvo.

O religioso decidiu chamá-lo Francisco. A grande batalha do chefe guerreiro Zumbi, zelando dia e noite pela segurança do seu povo e lutando para que não fosse extinto o ideal de se formarem comunidades onde conviviam negros, índios e brancos, começou ao completar quinze anos, em 1670. Nesse ano Francisco fugiu do padre Melo, em busca da liberdade.

Na guerra contra Zumbi e o povo de Palmares o sistema escravista pretendia varrer da memória coletiva até a lembrança da existência de possibilidades reais das populações oprimidas construírem uma alternativa à estrutura social baseada na exploração do trabalho forçado. O combatente que representava os civilizados escravagistas: Domingos Jorge Velho.

Sobre este paulista, encarregado de destruir Palmares, escreveu em 1697 um seu contemporâneo, o Bispo de Pernambuco: “Este homem é um dos maiores selvagens com que tenho topado... tendo sido sua vida, desde que teve razão - se é que teve, de sorte a perdeu tanto que entendo não a achará

com facilidade - até o presente, andar pelos matos à caça dos índios, e de índias, estas para o exercício das suas torpezas e aqueles para o granjeio de seus interesses.”

Apesar de toda a violência e da selvageria dos prepostos do sistema colonial, não foi possível derrotar o símbolo do heroísmo do povo brasileiro. Após muitos anos de luta os escravistas não conseguiram submeter a alma dos resistentes. Cada guerreiro morto em defesa do direito à liberdade é um exemplo de que só existimos na plenitude quando somos livres. E morrer nessa luta significa dar a vida pela própria vida.

Símbolo da resistência à dominação, Zumbi dos Palmares é referência legada tanto às gerações africanas trazidas ao Brasil quanto aos seus descendentes afro-brasileiros. Mestre na luta pela liberdade, seu vulto se confunde com o caminho para a consciência do povo brasileiro.

“Minha espada espalha o sol da guerra
Rompe mato, varre céus e terra
a felicidade do negro é uma felicidade guerreira
Do maracatu, do maculelê e do muleque bamba
Minha espada espalha o sol da guerra
Meu quilombo incandescendo a serra
Taliqual o leque, o sapateado do mestre-escola de samba
Tombo da ladeira, rabo de arraia, fogo de liamba...”

(Gilberto Gil/Walid Salomão)

Ao retornar a Palmares, Francisco, com seus quinze anos, passou a ser Zumbi. Vale lembrar que o Deus principal de Camarões e do Congo é chamado Nzambi; em Angola denominavam Zambi o que morreu; e no Caribe, Zumbis são mortos-vivos, criaturas que mesmo no além jamais descansam.

Em Palmares foi livremente constituída sua família - pai, irmãos, tias e tios. O principal dentre seus parentes se chamava Ganga Zumba. Mais tarde, aos 23 anos, rejeitou a paz firmada por Ganga Zumba com os escravistas, paz que garantia sua liberdade - pois nascera em Palmares.

Antes de completar 25 anos de vida se recusou a desistir de lutar pela liberdade sem adjetivos, concessões ou condições: ficaria em Palmares e combateria até o fim.

Zumbi permanece vivo na lição de resistência. Comandando seus guerreiros, venceu inúmeras batalhas, empregando com talento as técnicas da guerra de guerrilhas. Quando buscou o combate em posição fixa encontrou o fracasso. Perdeu o domínio da Serra da Barriga, onde se estabeleceram - entre disputas e conflitos pessoais - os vencedores: bandeirantes, militares e "homens de bem" de Pernambuco e Alagoas.

Só restou uma alternativa aos negros: retornar à estratégia da guerra do mato. Restavam cerca de mil homens. Os guerreiros foram divididos em dois bandos e foi confiada a chefia de um dos grupos a um companheiro chamado Antônio Soares, que sofreu uma emboscada. Soares foi preso e enviado sob forte escolta para Recife.

Nesse trajeto a escolta se encontrou com uma bandeira, chefiada por André Furtado. Soares foi seqüestrado e por longo tempo sofreu violentas torturas aplicadas por seus captores: queriam que revelasse onde era o esconderijo de Zumbi. Como não obtinha êxito, Furtado mudou de tática: garantia sua vida e liberdade se cooperasse. Deu certo. Soares era da confiança de Zumbi. Foram em sua procura, e quando Zumbi se preparava para abraçar o companheiro, foi surpreendido: Soares

cravou-lhe uma faca na barriga.

Nos olhos de Zumbi deve ter surgido então um outro brilho: de tristeza e desencanto. Dos seis guerreiros que o acompanhavam, a fuzilaria que saía do mato ao redor derrubou cinco, de imediato. Zumbi, ferido e sozinho, matou um dos atacantes e feriu outros. Amanhecia o dia 20 de novembro de 1695.

De forma exemplar, Zumbi encarna os horrores do escravismo. E este é, para sempre, um cadáver insepulto, um morto vivo. Sua lembrança sobreviverá aos tempos que nos obrigam a sonhar, à historiografia oficial que insiste em ignorar sua real importância. Permanecerá como símbolo das atrocidades infindáveis do poder ilimitado, arbitrário, prepotente.

Ficará, acima de tudo, como exemplo a todos que resistem à opressão e lutam por liberdade e justiça.

“Em cada estalo, em todo estopim, no pó do motim Em cada intervalo de guerra sem fim Eu canto, eu canto, eu canto assim
A felicidade do negro é uma felicidade guerreira...”

(Gilberto Gil/Walid Salomão)

*www.**capoeira**vadiacao.org/attachments/158_**capoeira**.**pdf***